ENSAIO CIENTÍFICO

Concordâncias de gênero: breve introdução a conceitos norteadores de estudos de gênero e sexualidade na contemporaneidade

Sophia Iglesias Miranda[1]

Resumo

Este ensaio consiste em uma incursão crítica sobre um conjunto de conceitos fundamentais que sustentam boa parte da produção intelectual contemporânea sobre estudos de gênero e sexualidade, focalizando, particularmente, categorias de análise sobre as quais especialistas parecem demonstrar uma relativa concordância. Longe de se buscar empreender esforços em direção ao consenso – algo raro senão impossível de se obter no ambiente acadêmico – pretendeu-se, sim, eleger alguns conceitos axiais, "purificando-os", como forma de extrair deles a essência, bem como articulando-os entre si, de modo a ampliar o seu potencial interpretativo. Resulta da adoção dessa estratégia de exposição, a caracterização desse texto como uma proposta de trajeto indicada àqueles que desejem realizar uma imersão sequencialmente orientada e historicamente situada no multifacetado campo dos estudos de gênero.

Palavras-chave: Estudos de Gênero. Sexualidade. Pornografia. Erotismo. Estereótipos.

[1] Estudante do 4º Período do Curso de Psicologia da UNIFASE.
Orientação e revisão técnica: Prof. Renato Cesar Möller.

1. Cultura: um conceito fundante

Uma das origens do termo cultura baseia-se em atitudes humanas frente à natureza, como “lavoura” e “cultivo agrícola”. Dessas palavras, pode-se entender que o manuseio da terra, a modificação do natural pelas mãos humanas, constituem a essência do que designamos cultura. Nesse sentido, quando falamos das características inatas humanas, do intelecto, da técnica utilizada para modificar a natureza e seu significado, quando “falamos dos altos processos do sentimento e da ação humana, do pensamento e linguagem, conhecimento e arte” (LARAIA, 2006, p.31), estamos falando de cultura.

O homem é resultado da sociedade em que se insere, do aprendizado da cultura que foi construída historicamente e transmitida através de gerações. Assim sendo, a cultura é um conjunto de símbolos e significados de uma sociedade, que são aprendidos pelo indivíduo, modelando seu comportamento, pois está introjetada no seu psicológico. Para Clifford Geertz, a cultura é uma programação internalizada pelos indivíduos quando nascem em uma sociedade, é um conjunto de mecanismos de controle, de regras, instruções, normas que irão governar seus comportamentos (GEERTZ apud LARAIA, 2009). A perspectiva de Geertz permite uma associação com a formulação de John Locke, segundo a qual os seres humanos nascem como um papel em branco, sobre o qual serão escritos os conhecimentos aprendidos pela experiência; nesse mesmo sentido, nascemos preparados para “viver mil vidas, mas no fim terminamos vivendo uma só” (GEERTZ apud LARAIA, 2009, p. 62) isto é, estamos vazios até sermos preenchidos pela cultura.

Todos os significados de uma cultura estruturam a identidade de um lugar. O bem mais valioso da cultura é sua identidade. Para que uma cultura se institua é necessário a existência de seu passado (MASSINI,2006). Remover o passado desmantelaria a cultura, uma vez que os vínculos estão inscritos no processo de construção de sua identidade, tendo em vista o conhecimento histórico de suas raízes. Nesse sentido: “as sociedades têm histórias, no curso das quais emergem particulares identidades. Estas histórias, porém, são feitas por homens com identidades específicas" (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.228). Isso significa dizer que o psicológico das pessoas, as identidades individuais também têm um papel fundamental na construção da identidade cultural. Em

um movimento dialético, a sociedade atua sobre os indivíduos que também atuam sobre a sociedade, "mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a" (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.228). Assim, pelas perspectivas apresentadas, não podemos pensar em cultura sem pensarmos que, no processo de sua produção, ela "objetiva o ser humano e ao mesmo tempo o subjetiva" (ZANELLA, 2004, p. 131), ou seja, o ser humano se apropria dessa construção histórico-cultural, incorporando-a a seu repertório psíquico, subjetivando-a e nela imprimindo sua marca.

Encontramos, então, uma interseção importante da cultura com a psicologia: construímo-nos, enquanto indivíduos, no contato com o externo, bem como atuamos sobre esse externo a partir dos processos de internalização e dos arranjos psíquicos realizados a partir do que nos foi introjetado**.** Nessa perspectiva, "se toda cultura é o âmbito dos significados que os homens atribuem à existência e à realidade, então ela contém também os significados da própria vida psíquica." (MASSIMI, 2006, p. 183). Por fim, compreendemos que a construção cultural é dinâmica, tendo em vista a identidade cultural feita por indivíduos com identidades particulares.

No entanto, seria conveniente assinalar que nem tudo que emerge na sociedade e vida dos indivíduos é refletido por estes. Como nos alerta Vygotsky, "toda a psique responde às características de um instrumento que seleciona, isola traços dos fenômenos. Um olho que tudo visse, precisamente por isso nada veria" (VYGOTSKY apud ZANELLA, 2004, p.284).

Em vista disso, se entendêssemos como "instrumento" a própria cultura, poderíamos concluir que ela funcionaria como um filtro psíquico, um "programa" – nas palavras de Geertz – de apreensão do mundo; ou ainda – nas palavras de Ruth Benedict – uma lente através da qual o homem vê o mundo (BENEDICT apud LARAIA, 2009).

2. Papéis de gênero e desigualdade de gênero

À luz de todas essas contribuições, pode-se perceber a cultura como a lente que o homem utiliza para ver o mundo, para, então, objetivar-se nele, e essa cultura possui símbolos, significados e signos, internalizados por um processo de endoculturação. Os

comportamentos designados a homens e mulheres em uma sociedade são frutos desse processo de significação atribuído à diferença sexual, a que chamamos de gênero, isto é, tais comportamentos resultam da internalização do valor simbólico atribuído ao feminino e ao masculino operada em uma sociedade com valores culturais próprios. Nesse sentido, Senkevics e Polidoro evidenciam:

> É como se o corpo, ao ser incorporado à cultura, passasse por um filtro, podendo apenas ser entendido a partir de uma perspectiva histórica, a qual dê conta dos aspectos socioculturais que marcam tal construção do corpo (SENKEVICS; POLIDORO, 2012, p. 17)

Compreende-se, então, que gênero é uma construção social, o que leva tensão ao debate sobre o que é masculino e feminino. O sistema simbólico sobre homens e mulheres "repercute em praticamente todos os aspectos das sociedades ocidentais: a divisão sexual do trabalho, o acesso à educação, a violência sexual, entre outros." (SENKEVICS; POLIDORO, 2012, p.18). Um estudo realizado no Brasil mostra que o país ocupa o quarto lugar no mundo em números absolutos de meninas casadas com até 15 anos de idade (11%), ocupando a mesma posição para casamentos de meninas com idade inferior a 18 anos (36%). No mesmo estudo, dados de 21 cidades brasileiras mostram que nas tarefas de casa, 41% das meninas, contra 11% dos meninos, cozinham; 77% das meninas, contra 13% dos meninos, lavam a louça; 66% de meninas, contra 11% de meninos, limpam a casa; e 35% das meninas, contra 10% dos meninos, cuidam dos irmãos. (TAYLOR et al., 2019, p.9 e 73). Esses dados revelam como os papéis de gênero agem normativamente sobre o comportamento dos indivíduos, e como a realidade brasileira nos dá abundantes exemplos de situações de desigualdade de gênero. Essa desigualdade de gênero, como se observa, sinaliza relações de poder. Como evidenciado na pesquisa, há uma desigualdade de papéis no que tange a tarefas de casa, uma vez que essas tarefas são consideradas "essencialmente" femininas. São designados à mulher os papéis de cuidado do lar, dos filhos, de submissão ao homem.

Contrapõe-se a essa perspectiva a fala célebre de Simone de Beauvoir em sua obra O Segundo Sexo, "ninguém nasce mulher, torna-se mulher" (BEAUVOIR, 1970, p. 361). Uma das leituras que esse trecho nos permite fazer é a de que a marca da fêmea não a

condiciona aos trabalhos domésticos, à condição de “outro” do homem; o que a coloca neste lugar é a construção de seu papel social e determinadas relações de poder. Nesse sentido, os papéis sociais de gênero delimitam as fronteiras de acesso aos gêneros, bem como normatizam comportamentos de cada um.

As visões dos papéis sociais de gênero são evidenciadas mediante os estereótipos que são formulados. Lima *et al*. apontam que

> as identidades, perspectivas e concepções de gênero na sociedade brasileira são construídas comumente a partir de estereótipos, o que limita a visão tanto de homens quanto de mulheres acerca de si mesmos e de suas potencialidades (2017, p.37).

Quando se pensa no homem: agressividade, virilidade, coragem e conquistas; já, na mulher: docilidade, submissão, cuidados, fragilidade. “É a sociedade que hierarquiza o masculino e feminino e lhes atribui destinos sociais diferentes e perspectivas de vida desiguais” (LIMA et. al, 2017, p. 37). E essas estereotipias, como observa Serpa (2010), são propagadas pela mídia, literatura, família, escola, músicas, cinema, formando o imaginário social dos comportamentos que travestem os sexos, bem como sua maneira de pensar, de se vestir, de como relacionar-se com seu corpo, e de como enxergar e se relacionar com o corpo do outro.

A partir dessas estereotipias, dos papéis de gênero, das relações de poder, a desigualdade estruturada entre os sexos pode ser percebida, segundo Cabral (1998), em quatro eixos: a divisão sexual do trabalho, a reprodução, os espaços públicos e a cidadania, e, por fim, a sexualidade – que focalizaremos a seguir.

3. A sexualidade confinada

A sexualidade denuncia uma grande disparidade entre os sexos. A partir dos papéis de gênero, espera-se que as mulheres, cumprindo com seu papel no âmbito sexual, sejam somente a reprodução. Conhecer seu próprio corpo como um corpo que deseja, que sente, que é ativo no exercício de sua sexualidade é motivo de vergonha social. Por outro

lado, espera-se que, desde jovem, o homem conheça o sexo, pois isso é a reafirmação de sua masculinidade, e esse conhecimento não tem como fim a reprodução, mas sentir o prazer de seu corpo, porquanto sua função social não é o cuidado dos filhos (CABRAL,1998). Nota-se nessas diferenças um controle muito maior do corpo feminino: enquanto os corpos masculinos devem viver ativamente sua sexualidade, os corpos femininos devem ser objetos do prazer masculino. Beauvoir (1970) aponta diversas vezes como a mulher é ensinada à passividade, uma vez que ela não deve tomar posse do mundo. É a ela ensinado a viver no espaço privado, no papel social que a coloca a serviço do homem, cuidando dos bens que não são seus, dos filhos que cuidarão desses bens, do lar e comida que servirão ao marido. No âmbito sexual proposto, esse mesmo papel fora do íntimo é experienciado na vida sexual: o homem toma posse de seu prazer, enquanto a mulher, passivamente, serve de objeto ao prazer masculino. O homem vive então seu protagonismo no mundo; a mulher, por sua vez, é confinada a uma posição de passividade e de objeto, o que caracteriza um ser inanimado, que não busca, que não sente, que não possui existência. Essas configurações são internalizadas e manifestadas na vida dos indivíduos. É por isso que, nos dados citados anteriormente, temos a materialização dos papéis de gênero, que são criados no simbólico e organizam a sociedade, segundo regras de hierarquização.

Quando pensamos sobre os espaços pelos quais os saberes e conhecimentos são propagados, devemos levar em consideração a mídia. Para Ruth Sabat:

> A publicidade é um dos artefatos que estão inseridos em um conjunto de instâncias culturais e como tal funciona como mecanismo de representação, ao mesmo tempo em que opera como constituidora de identidades culturais (2000, p. 9).

Assim sendo, a forma pela qual as relações intergênero se constituem na nossa sociedade são utilizadas pela propaganda com fim último no consumo. No entanto, é preciso salientar que a propaganda não cria essas relações, mas, sim, representa aspectos preexistentes na sociedade; ela utiliza os signos, significantes e significados que foram construídos culturalmente a seu favor, e é, por isso, que ela – propositadamente – dialoga com nossa subjetividade. Sua função é aproximar o consumidor de seu produto, e

quanto mais íntima essa relação puder ser estabelecida, mais o consumo será efetivado. No entanto, ainda que o indivíduo exposto à propaganda não faça uso do produto, de certo ele se apropria de simbologias que lhes são familiares, ao mesmo tempo em que "opera como constituidora de identidades culturais" (SABAT, 2000, p. 9). Quando se trata das relações de gênero, a propaganda faz uso dos significados que carregam os sexos:

> Ao mesmo tempo, ela está reafirmando — e naturalizando — essas mesmas representações através de algumas estratégias, como por exemplo mostrar as mulheres quase sempre dentro de casa, fazendo atividades manuais, ou expondo o corpo como objeto do prazer masculino. (SABAT, 2000, p. 14).

4. Pornografia e erotismo

Como parece ter ficado claro, as relações de gênero são constituídas por conhecimentos culturais que foram historicamente modelados e introduzidos socialmente. O gênero configura os significados sociais de características biológicas, é um filtro pelo qual o corpo carrega um sentido. Esse sentido dos corpos possui um valor simbólico, e, se a propaganda, como explicado, faz uso desses significados, evidentemente os corpos fazem parte de seu ofício. E o valor dos corpos não configura uma relação igualitária, mas sim uma sobreposição de um em relação ao outro.

A pornografia não é uma propaganda, mas ela também explicita significados culturais. O consumo da pornografia desperta o mesmo que a propaganda almeja: a subjetividade e o desejo. Na pornografia, os significados que nos são familiares são explicitados, como estereótipos, relações de gênero e de poder, e o centro de seu funcionamento são os corpos. Entretanto, antes de aprofundar nesse assunto necessitamos fazer uma distinção entre pornografia e erotismo.

Quando pensamos nos dois termos, imaginamos que sejam idênticos. Por certo, a congruência de ambos se encontra na sexualidade. No entanto, é preciso salientar que:

> Ainda que partamos do consenso de que tanto o erótico quanto o pornográfico tratem das representações do sexo, não podemos nos furtar de enfatizar a ideia de que, historicamente, passamos a reconhecer a pornografia sempre

> como algo que remete ao outro, e nunca a nós mesmos (LAGAZZI et al., 2017, p. 7)

Isso significa dizer que, a pornografia e o erotismo carregam significados sociais diferentes, com uma mensagem subliminar: a pornografia configura uma representação sexual vulgarizada, suja, pervertida, promíscua, ao passo que o erotismo é considerado belo, prazeroso, artístico, seguro e sentimental. Ou seja, há um valor moral por detrás dos conceitos que marcam a diferença dos termos. A pornografia "quebra" com os valores morais, enquanto o erotismo ainda carrega seu valor (DOMINGUES, 2017; LAGAZZI et al., 2017). Nesse sentido:

> "a distinção entre obras eróticas e obras pornográficas, hoje, pode também atravessar a problemática questão de distinguir cultura de massa e cultura erudita. Sob o rótulo de erótico estão abrigadas aquelas obras que abordam assuntos relativos à sexualidade com teor "nobre", "humano", "artístico", problematizando-os com "dignidade", "estética", e de pornográfico, as de caráter "grosseiro e vulgar", que tratam do sexo pelo sexo, produzidas em série com o objetivo evidente de comercialização e de falar somente aos instintos. [...] os produtos caracterizados pelo excesso de exposição de ações sexuais explícitas foram nomeados de hard core (pornográficos), e aqueles marcados pelo sexo implícito, encoberto, sugerido, de soft core (eróticos). (ABREU, apud DOMINGUES, 2017, p. 8)

Em outras palavras, o cenário em meio ao qual os termos adquirem uma significação específica é marcado por um padrão de moralidade que orienta a prática sexual adotada. A sexualidade, nesse sentido, está imbuída de significações, e deve ser entendida como uma prática que sofre implicações psicológicas, sociais, políticas, culturais, históricas e biológicas. O sexo, portanto, deixa de ser um ato restritamente biológico e passa a compor as manifestações humanas relacionadas nas dimensões citadas, nutrindo-se das correntes intelectuais e sociais que sustentam aquele padrão de moralidade. (LAGAZZI *et al*.,2017; BAUMEL *et al*., 2019).

É nesse contexto que devem ser interpretadas as mudanças de significado dos termos pornografia e erotismo. Devido aos valores da sociedade, o erotismo carrega um sentido que deve afastar-se do pornográfico para não se contaminar; ele se torna um recorte para distâncias simbólicas instituídas à sexualidade, uma vez que esta, entendida como uma prática universal, acaba por ser dividida socialmente entre a cultura das massas e erudita. Neste sentido, a distinção de uma cultura popular e erudita que atravessa o erotismo e a pornografia denunciam uma forma de dominação social simbólica, e estão circunscritas diferentemente dependendo das classes sociais. Em outros termos, o poder de atribuição de valor aos componentes culturais – educação, arte, música, mídia, política, vestuários, costumes – está direta e indiretamente associado ao acúmulo de capitais. Distingue-se, assim, o valorativo do não valorativo, legítimo e ilegítimo, configurando uma "hierarquia do culturalmente aceito ou execrável, do autêntico ou do inautêntico exemplificados tais como no cardápio, na decoração do apartamento, na compra de um carro" (ALVES, 2008, p. 4)

Embora a pornografia sempre estivesse presente na literatura histórica, nem sempre possuiu o sentido que atribuímos a ela hoje. A origem da palavra pornografia vem do grego que significa "escritos sobre prostitutas", isto é, representava o cotidiano, hábitos das prostitutas (NETO; CECCARELLI, 2015). Mas o termo ganha o sentido de obscenidade bem mais tarde, com a consolidação iluminista, momento em que se estabeleceu a dialética do público-privado, no qual as relações íntimas, o sexo, estavam restritos à vida privada. Antes disso, a representação do sexo era disseminada em críticas e sátiras político-religiosas, não podendo ser configurada como um gênero, distinto e independente, com a intenção de provocar estímulos aos leitores (LAGAZZI et al., 2017). Com a invenção da imprensa, grande parte das escrituras pornográficas que se restringiam a uma parcela erudita da população, uma elite intelectual, passou a se disseminar para além dessa classe social. Mas, devido aos valores morais estabelecidos, houve uma grande censura desses materiais na época, principalmente para as mulheres. (LAGAZZI et al., 2017)

Essa censura que provoca uma tentativa de controlar os materiais eróticos dialoga com uma tentativa de controle do corpo feminino. Diante do explicitado anteriormente sobre os papéis de gênero e as relações de poder envolvidas, não surpreende que as mulheres

tenham sido alvo de controle do acesso aos conteúdos eróticos (LAGAZZI et al., 2017). Até hoje, o conhecimento dos prazeres do próprio corpo pelas mulheres é um tabu, o que nos leva ao que foi explicado anteriormente: a reprodução é associada à mulher, enquanto o prazer, ao homem. Diante dessa relação, a pornografia, com seu sentido de estimular prazer aos que a consomem, tem seu acesso negado às mulheres, enquanto a centralidade de seu conteúdo tem em vista o prazer masculino. Sua produção é feita por homens. Sua circulação, operada por homens. O prazer, portanto, é reservado exclusivamente ao homem.

5. Conclusão

Fica evidente, portanto, que o estudo aprofundado dos temas aqui brevemente tratados não pode ser conduzido sem que tais temas sejam situados no contexto que os envolve. Eles não se configuram fora de uma cultura, sem influência moral, social, psicológica. Pelo contrário, se constituem no entrelaçamento desses aspectos, sofrendo implicações das relações de poder, dos papéis de gênero, de desigualdades, que estão explicitas nos seus conteúdos. Em particular no que concerne à pornografia, deve-se considerar que acesso a ela está hoje majoritariamente centrado na internet. Um acesso facilitado que não coloca em “risco” a privacidade do sujeito – preocupação permanente entre consumidores, eventuais ou sistemáticos, desses conteúdos – e que, por isso, impulsiona o crescimento acelerado da indústria de produção pornográfica. As implicações desse fenômeno têm atraído a atenção de estudiosos, como Lagazzi *et al*., para quem:

> “o resultado disso é uma série de produções pornôs contendo cenas dos mais variados tipos de subjugação feminina e, vale ressaltar, que depois do advento do cinema, do VHS e, mais atualmente, da internet, os vídeos passaram a ocupar o lugar de excelência da pornografia em termos de circulação.” (2017, p. 5).

No atual estágio em que se encontram os estudos sobre pornografia, têm se salientado mais dúvidas do que afirmações peremptórias. Uma destas dúvidas – que estimularam a produção desse ensaio e de cuja resposta aqui não nos ocuparemos – pode ser assim formulada: o que as preferências temáticas manifestadas por usuários de sites de

conteúdo pornográfico revelam sobre a natureza das relações intergênero na sociedade onde esses conteúdos são consumidos?

Tal questão é apenas uma das tantas que mobilizam pesquisadores do tema. Mas, em meio a esse oceano de incertezas, já é possível vislumbrar alguns sinais de concordância:

> "Duas coisas são certas: a literatura não está mais no centro da produção pornográfica, e a produção pornográfica, que prosperou em um mundo dominado pelo masculino, evoluirá em função da maneira segundo a qual se definirão as relações entre os sexos." (MAINGUENEAU apud LAGAZZI et al., 2017, p. 5)

Em uma visão psicanalítica, a pornografia pode ser compreendida como um lugar de expurgo das fantasias e desejos reprimidos, uma vez que a sexualidade, que se expressa de variadas formas, inclusive perversas, estão nela retratadas. Somado a isso, a moralidade, que dita os padrões de comportamento sexuais aceitáveis, gera, na contramão, a manifestação das variadas formas de sexualidade por meio de “soluções marginais”, isto é, a pornografia, que explicita as fantasias que foram moralmente recalcadas nos sujeitos. Nessa mesma perspectiva, retomando a obscenidade da pornografia, que foi definida pelos valores morais que surgiram no Iluminismo com o silenciamento da sexualidade e seu deslocamento estrito à vida privada, os discursos sobre o que não se deve fazer, despertam a curiosidade: “Porém, o esforço empreendido para a manutenção do silenciamento desta esfera da vida humana é, por si só, um discurso e, como tal, acaba por intensificar a vontade de saber em torno da sexualidade.” (LAGAZZI et al., 2017, p. 4). Na mesma lógica, o esforço em padronizar um tipo de sexualidade aceitável reprime nos indivíduos suas fantasias e desejos que são expurgados no contato com a pornografia que roteiriza suas perversões. (NETO; CECCARELLI, 2015)

Se entendermos a pornografia como uma das expressões relevantes da sexualidade humana, moldadas nas esferas socioculturais, há de se concordar que os investimentos na ampliação do conhecimento sobre as manifestações, preferências, roteiros e cenários referentes ao tema possam representar um sopro de renovação conceitual no campo dos

estudos de gênero. Esse artigo, de pretensões meramente propedêuticas, se constitui como uma singela contribuição nesse sentido.

Referências

ALVES, E. Pierre Bourdieu: a distinção de um legado de práticas e valores culturais. **Sociedade e Estado,** v. 23, n. 1, p. 179-184. jan./abr. 2008. Disponível em: www.scielo.br/j/se/a/6P4kKbPHYgjJpHYtDYPfnfy/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 08 de abr. 2021.

BAUMEL, et. al. Atitudes de jovens frente à pornografia e suas consequências. **Psico-USF,** v. 24, n. 1, p. 131-144, jan./mar. 2019. Disponível em: www.scielo.br/j/pusf/a/Jpt5TYJSjkDbV5ckSDyvxhG/?format=pdf&lang=pt . Acesso em: 08 de abr. 2021.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução: Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade:** tratado de sociologia do conhecimento. Tradução: Floriano de Souza Fernandes. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

DOMINGUES, J. V. Erotismo e sexualidade: possibilidades de engendramento. **Anais do 7º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação / 4º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação,** jun. 2017. www.2017.sbece.com.br/resources/anais/7/1495418704_ARQUIVO_Textocompleto-Estudosculturais2017-JosianeDomingues.pdf . Acesso em: 08 abr. 2021.

LAGAZZI, N. C.; RODRIGUES, H. F.; SEDLMAIER, E. M. “A pornografia é o erotismo dos outros”: representações ficcionais do sexo. **Anais V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**, Realize Editora, 2017. Disponível em: www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA11_ID261_21062017181813.pdf. Acesso em: 08 abr. 2021.

LARAIA, R. B.; **Cultura**: um conceito antropológico. 23. ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar" Editora, 2009.

LIMA, F. I. A. et al. A influência da construção de papeis sociais de gênero na escolha profissional. **Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 19, n. 1, p. 33–50, jan./jun. 2017. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10818 . Acesso em: 2 abr. 2021.

MASSIMI, M. Psicologia e cultura na perspectiva histórica. **Temas em Psicologia**, v. 14, n. 2, p. 177-187, dez., 2006. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v14n2/v14n2a06.pdf . Acesso em: 08 abr. 2021.

NETO, A. R.; CECCARELLI, P. R. Internet e pornografia: notas psicanalíticas sobre os devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais. **Reverso**, v.37, n.70, p. 15-22, jun. 2015. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v37n70/v37n70a02.pdf . Acesso em: 08 abr. 2021.

SABAT, R. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 1, p. 04-21, 2001. Disponível em: periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000100002/8891 . Acesso em: 08 abr. 2021.

SENKEVICS, A.; POLIDORO, J. Corpo e ciência: na interface entre biologia e sociedade. **Revista da Biologia**, v.9, n.1, p. 16-21, dez., 2012. Disponível em: www.revistas.usp.br/revbiologia/article/view/108728/107151 . Acesso em: 08 abr. 2021.

SERPA, M. G. Perspectivas sobre papéis de gênero masculino e feminino: um relato de experiência com mães de meninas vitimizadas. **Psicologia & Sociedade,** v.22, n.1, p.14-22, abr. 2010. Disponível em: www.scielo.br/j/psoc/a/nsnHV7KnLBCCGSh7zw8bV6p/?format=pdf&lang=pt . Acesso em: 08 abr. 2021.

TAYLOR, A.Y., LAURO, G., SEGUNDO, M., GREENE, M.E. “Ela vai no meu barco”: Casamento na infância e adolescência no Brasil. Rio de Janeiro e Washington DC: **Instituto Promundo & Promundo-US**, set. 2015. Disponível em: promundoglobal.org/wp-content/uploads/2015/07/SheGoesWithMeInMyBoat_ChildAdolescentMarriageBrazil_PT_web.pdf . Acesso em: 08 abr. 2021.

ZANELLA, A. V. Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da Psicologia Histórico-Cultural. **Psicologia em estudo**, v. 9, n. 1, p. 127-135, abr., 2004. Disponível em: www.scielo.br/j/pe/a/7fQH8GfwqJ7HKCjKtDZJrQd/?format=pdf&lang=pt . Acesso em: 08 abr. 2021.

Gender concordances: a brief introduction to the guiding concepts of gender and sexuality studies in the contemporary

Abstract

This essay consists of a critical incursion into a set of fundamental concepts that sustain much of the contemporary intellectual production on gender and sexuality studies, focusing particularly on categories of analysis on which specialists seem to demonstrate a relative agreement. Far from seeking to make efforts towards consensus - something rare if not impossible to obtain in the academic environment - it was intended, rather, to elect some axial concepts, "purifying" them, as a way of extracting their essence, as well as articulating them to each other, in order to expand their interpretive potential. The adoption of this exposure strategy resulted in characterizing this text as a proposed path indicated to those who wish to undertake a sequentially oriented and historically situated immersion in the multifaceted field of gender studies.

***Keywords**: Gender studies. Sexuality. Pornography. Eroticism. Stereotypes.*

CC BY NC

Informações sobre a autora

Sophia Iglesias Miranda: Estudante do Curso de Psicologia da UNIFASE. Responsável pela concepção, planejamento e execução do projeto de pesquisa, em fase de desenvolvimento, intitulado “Cartografias dos desejos: a natureza das relações intergênero revelada pelas preferências temáticas de usuários de sites de conteúdo pornográfico”.

Contato: sophiaiglesiasmiranda@gmail.com

orcid.org/0000-0002-9069-0281